

HERIVERTO NUNES MENDONÇA JÚNIOR
MAIRA TERESA GONCALVES ROCHA

An illustration of a queen with a brown face, wearing a blue turban and a white and blue ornate dress, sitting on a throne. A black bull with a white star on its forehead stands behind her. The background is light blue with a decorative archway.

O Encantado na escola

*Arte, Tambor de Mina e
Culturas Afro-Indígenas*

Marcos Durans

São Luís
2025



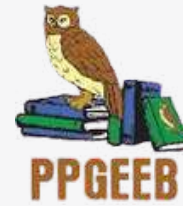
**HERIVERTO NUNES MENDONÇA JÚNIOR
MAIRA TERESA GONCALVES ROCHA**

O Encantado na escola

*Arte, Tambor de Mina e
Culturas Afro-Indígenas*

São Luís
2025

Marcos Durães



Universidade Federal do Maranhão

Reitor

Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva

Vice-reitor

Prof. Dr. Leonardo Silva Soares

**Agência de Inovação, Empreendedorismo,
Pesquisa, Pós Graduação e
Internacionalização-AGEUFMA**

Profa Dra. Flávia Raquel Fernandes do
Nascimento

**Coordenação do Programa de Pós-
Graduação em Gestão de Ensino da
Educação Básica**

Prof. Dr. Antonio de Assis Cruz Nunes

Autores do Produto Educacional

HERIVERTO NUNES MENDONÇA JÚNIOR

MAIRA TERESA GONCALVES ROCHA

Ilustrações

Marcos Durans [feitas especialmente para este
trabalho].

Design Gráfico

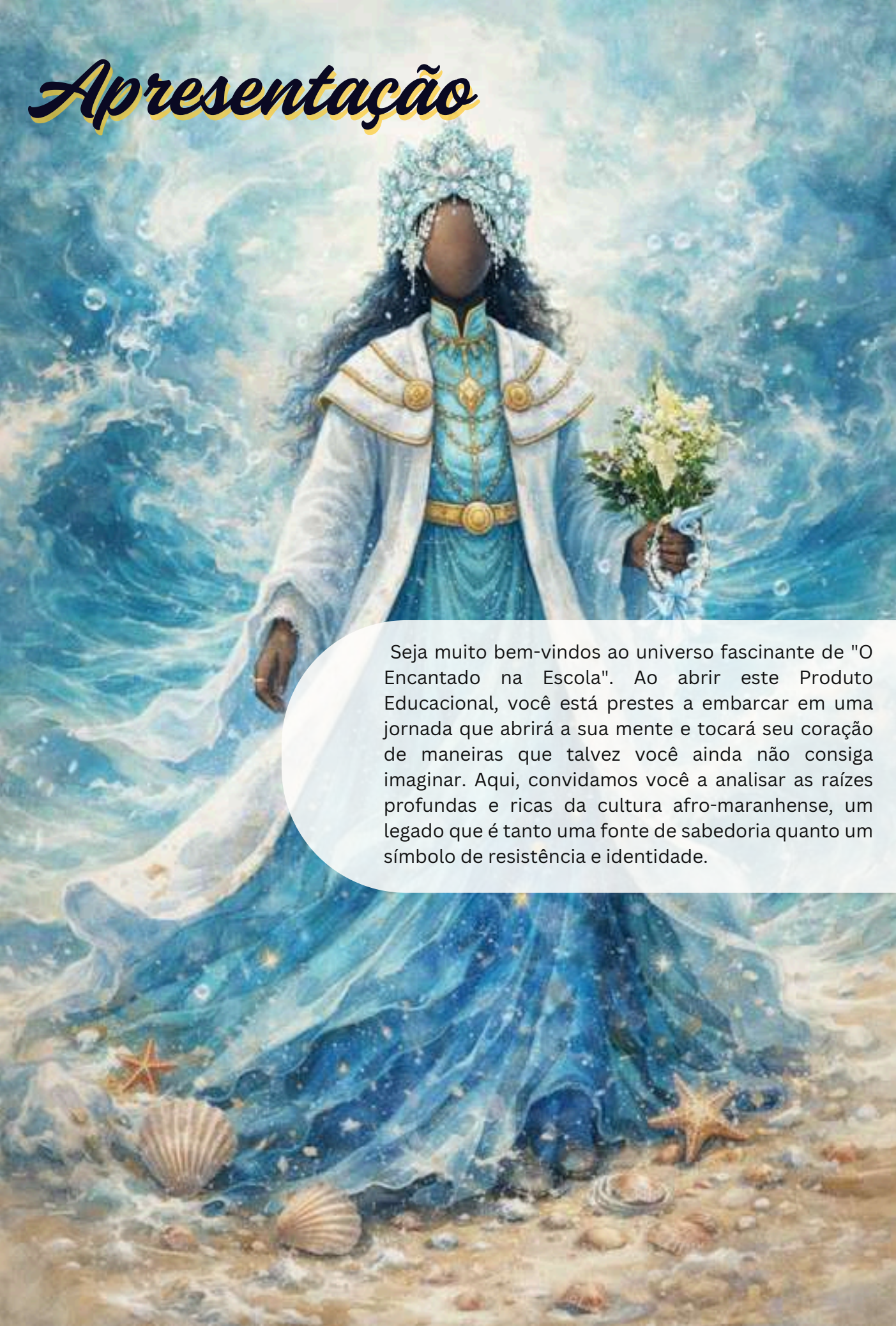
Mariceia Ribeiro Lima

Maria Eduarda Lima Rodrigues



São Luis
2025

Apresentação

A painting of a woman in a blue and white costume, holding a bouquet of flowers, standing on a beach with seashells and starfish. The woman has long dark hair and is wearing a white cape over a blue dress with gold accents. She is holding a bouquet of yellow and white flowers. The background is a vibrant blue sea with white waves. The foreground shows a sandy beach with several seashells and starfish.

Seja muito bem-vindos ao universo fascinante de "O Encantado na Escola". Ao abrir este Produto Educacional, você está prestes a embarcar em uma jornada que abrirá a sua mente e tocará seu coração de maneiras que talvez você ainda não consiga imaginar. Aqui, convidamos você a analisar as raízes profundas e ricas da cultura afro-maranhense, um legado que é tanto uma fonte de sabedoria quanto um símbolo de resistência e identidade.

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO 2.....	8
CAPÍTULO 3.....	12
CAPÍTULO 4.....	15
CAPÍTULO 5.....	17
CAPÍTULO 6.....	20
SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1	21
SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2	22
SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3.....	25
SUGESTÕES DE AVALIAÇÕES.....	26
REFERÊNCIAS E MATERIAIS DE APOIO.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	31
SOBRE OS AUTORES.....	32

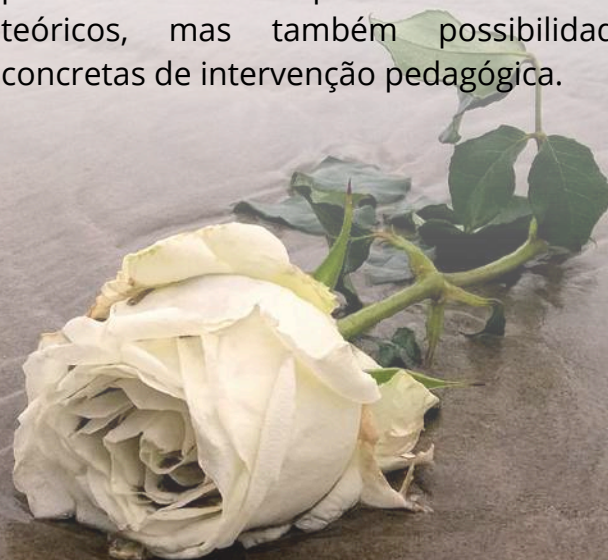
Introdução

O presente caderno pedagógico, intitulado O Encantado na Escola: por uma Educação Antirracista, constitui-se como um produto educacional elaborado com o propósito de subsidiar práticas docentes comprometidas com a valorização da cultura afro-brasileira e com a implementação efetiva da Lei nº 10.639/2003 no contexto escolar.

A proposta parte do reconhecimento de que a escola, enquanto espaço formativo e social, desempenha um papel estratégico na construção de identidades, na promoção da equidade e no enfrentamento das desigualdades historicamente produzidas. Nesse sentido, este material busca contribuir com práticas pedagógicas que dialoguem com a diversidade cultural brasileira, especialmente com os saberes e as tradições afro-maranhenses, frequentemente invisibilizados nos currículos escolares.

Como eixo estruturante, o caderno adota o conceito de Encantado, entendido não apenas como uma manifestação da espiritualidade de matriz afro-brasileira, mas como uma expressão simbólica de ancestralidade, resistência e pertencimento cultural. Ao ser incorporado ao contexto educativo, o Encantado possibilita a construção de experiências pedagógicas significativas, que conectam os estudantes às suas raízes, ampliam repertórios culturais e promovem o reconhecimento da pluralidade de saberes presentes na sociedade.

A organização deste material foi pensada de forma progressiva e articulada, contemplando desde a compreensão conceitual e histórica do Encantado até sua aplicação prática no contexto educacional. Ao longo dos capítulos, são abordados aspectos como as raízes culturais afro-maranhenses, a análise da legislação vigente, estratégias pedagógicas, metodologias inovadoras e reflexões críticas sobre o racismo estrutural na educação. Essa estrutura visa oferecer ao professor não apenas fundamentos teóricos, mas também possibilidades concretas de intervenção pedagógica.



Do ponto de vista metodológico, o caderno dialoga com perspectivas de educação antirracista, multicultural e crítica, valorizando a experiência dos sujeitos, a oralidade, a cultura local e as práticas interdisciplinares. Assim, propõe-se a superar abordagens tradicionais centradas na reprodução de conteúdos, incentivando práticas que promovam o protagonismo estudantil, a reflexão crítica e o reconhecimento das identidades culturais.

Além disso, este material assume um compromisso ético e político com a construção de uma educação mais justa, inclusiva e representativa. Ao integrar a cultura afro-maranhense às práticas pedagógicas, busca-se não apenas cumprir uma exigência legal, mas, sobretudo, promover uma transformação nas formas de ensinar e aprender, reconhecendo que a diversidade cultural é um elemento estruturante do processo educativo.

Por fim, este caderno não se apresenta como um modelo fechado, mas como um instrumento aberto, passível de adaptação às diferentes realidades escolares. Trata-se de um convite à reflexão e à ação docente, incentivando educadores e educadoras a ressignificarem suas práticas e a construir, coletivamente, caminhos para uma educação que valorize as diferenças, combata o racismo e fortaleça a identidade cultural dos estudantes.





Capítulo 2

2. Marco Legal: Leis 10.639/2003 e 11.645/2008

2.1. Lei 10.639/2003

Você já ouviu falar da Lei nº 10.639/2003?

Ela é uma das leis mais importantes para a educação brasileira quando falamos de diversidade, respeito e justiça social.

Essa lei determina que todas as escolas devem ensinar História e Cultura Afro-Brasileira. Isso significa que os estudantes precisam conhecer não só a história da escravidão, mas também as contribuições dos povos africanos e afro-brasileiros na formação do nosso país.

Por que essa lei é tão importante?

Durante muito tempo, a escola contou apenas uma parte da história: aquela centrada na visão europeia. As culturas africanas e afro-brasileiras foram deixadas de lado ou tratadas de forma superficial.

A Lei nº 10.639/2003 vem justamente para mudar isso.

Ela nos convida a construir uma educação que:

- Valorize a diversidade cultural;
- Reconheça a história e a identidade do povo negro;
- Combata o racismo dentro e fora da escola;
- Forme estudantes mais críticos e conscientes.

Mas, na prática, o que ainda é difícil?

Sabemos que aplicar essa lei no dia a dia não é simples. Muitos professores enfrentam desafios como:

- Falta de formação específica sobre o tema;
- Poucos materiais didáticos disponíveis;
- Insegurança para abordar assuntos considerados “delicados”;
- Resistência de alguns alunos, famílias ou até da comunidade escolar.

Essas dificuldades são reais – e não devem ser ignoradas. Mas também não podem nos impedir de avançar.

E quais são as possibilidades?

A boa notícia é que existem muitos caminhos possíveis – e potentes! Trabalhar a cultura afro-brasileira não precisa ser algo distante ou difícil. Pelo contrário, pode ser algo vivo, envolvente e significativo. É nesse contexto que entra o Encantado.

O Encantado como aliado na prática pedagógica

O Encantado, presente na cultura afro-maranhense, pode ser uma excelente porta de entrada para trabalhar a Lei nº 10.639/2003 em sala de aula.

Por quê?

Porque ele conecta:

- **Cultura**
- **Ancestralidade**
- **Espiritualidade**
- **Identidade**
- **Território**

Tudo isso de forma sensível e próxima da realidade dos estudantes.

O que podemos fazer em sala de aula?

Aqui vão algumas ideias simples para começar:
Contar histórias sobre os Encantados

- Trabalhar com dramatizações e encenações;
- Produzir desenhos, pinturas ou colagens;
- Desenvolver projetos interdisciplinares;
- Conversar sobre cultura, identidade e respeito.

Essas atividades ajudam os alunos a:

- **Se reconhecerem naquilo que aprendem;**
- **Valorizar suas origens;**
- **Respeitar as diferenças;**
- **Desenvolver pensamento crítico.**

Mais do que cumprir uma lei...

Trabalhar a Lei nº 10.639/2003 não é apenas cumprir uma obrigação legal. É assumir um compromisso com uma educação mais justa, mais humana e mais representativa.

É ajudar a construir uma escola aonde todos se sintam vistos, respeitados e valorizados.

Para refletir...

Sua prática pedagógica já contempla a diversidade cultural dos seus alunos?

Você já trabalhou conteúdos que valorizam a cultura afro-brasileira?

Como o Encantado pode entrar na sua sala de aula?



Capítulo 3

3. O que é o “Encantado”?

3.1. Noções gerais

“Encantado” é um conceito que aparece em diferentes tradições: afro-brasileiras, indígenas, afro-indígenas.

Em muitas cosmologias, Encantados são seres espirituais ligados à natureza (matas, rios, ventos, pedras, mar), a ancestrais, a heróis míticos, ou a figuras históricas que “se encantaram”.

Podem manifestar-se em rituais, sonhos, festas, cantos, danças e também na arte.

3.2. O Encantado como experiência estética e pedagógica

No campo da Arte, o Encantado pode ser compreendido como uma potente experiência estética, que envolve sensibilidade, imaginação e expressão. Mais do que um conceito, ele se manifesta nas diferentes formas de criação cultural – sendo imaginado, representado, cantado, dançado e pintado.

Ao trabalhar com o Encantado, abrimos espaço para refletir com os estudantes sobre questões fundamentais, como:

- De que forma esses seres são representados nas diferentes linguagens artísticas?
- O que eles revelam sobre a relação entre seres humanos, natureza, espiritualidade e comunidade?
- Como essas representações expressam modos de ver e sentir o mundo?

Nesse sentido, o Encantado pode ser explorado na escola como uma experiência que articula arte, cultura e aprendizagem, possibilitando múltiplas formas de expressão:

- » • **Como metáfora:**
O Encantado pode representar o invisível, o mistério e aquilo que não se explica apenas pela razão, estimulando a imaginação e o pensamento simbólico dos estudantes.
- » • **Como imagem e criação artística:**
Os alunos podem criar figuras, máscaras, personagens e representações visuais inspiradas nos Encantados, desenvolvendo a criatividade e a expressão estética.
- » • **Como som e música:**
Por meio de cantos, ritmos e narrativas orais, é possível explorar histórias que evocam os Encantados, valorizando a oralidade e as tradições culturais.
- » • **Como corpo e dança:**
Movimentos corporais podem representar forças da natureza e elementos simbólicos associados aos Encantados, promovendo a expressão corporal e a conexão com o coletivo.

Dessa forma, o Encantado deixa de ser apenas um conteúdo e passa a ser vivido como experiência, permitindo que os estudantes aprendam por meio da sensibilidade, da criação e do envolvimento com a cultura. Trata-se de uma abordagem que amplia o ensino da Arte, tornando-o mais significativo, contextualizado e conectado às identidades culturais dos alunos.



Capítulo 4

4. Tambor de Mina: Panorama para o professor

4.1. O que é Tambor de Mina

Religião de matriz afro-brasileira com forte presença no Maranhão (especialmente em São Luís) e em estados próximos.

Possui forte herança de povos da região da antiga Costa da Mina (atual Gana, Benim, Nigéria, Togo etc.), misturada às culturas indígenas e europeias.

Centros religiosos recebem o nome de Casas de Mina, Terreiros de Mina ou similares.

4.2. Elementos centrais

Encantados: entidades espirituais centrais nos rituais. São muitas vezes associados a reinos, cortes (como a “Corte da Turquia”, “Corte de Rei Sebastião” etc.) e a lugares naturais.

Tambores: instrumentos de percussão (como o vodum, tambor grande, tambor de sotaque etc.) que marcam o ritmo dos toques sagrados.

Cantos: em línguas africanas, portuguesas arcaicas, dialetos locais; mantêm memória, história, pertencimento.

Dança: coreografias e gestos associados a reinos, entidades, narrativas.

Vestimentas e objetos: saias rodadas, cores específicas, colares, elementos simbólicos que compõem uma estética própria.

4.3. Tambor de Mina, cultura e identidade

Espaço de resistência cultural e política contra a escravidão e o racismo.

Forma de preservar línguas, ritmos, histórias e estruturas de parentesco simbólico.

Condensa múltiplas artes: oralidade, música, dança, performance, artes visuais, culinária, arquitetura.



Capítulo 5

5. Princípios pedagógicos para trabalhar Tambor de Mina e Encantados

O trabalho com o Tambor de Mina e com os Encantados no contexto escolar exige sensibilidade, responsabilidade e intencionalidade pedagógica. A seguir, apresentamos alguns princípios que podem orientar práticas educativas mais respeitadas, críticas e significativas.

Respeito religioso e valorização da diversidade

O Tambor de Mina deve ser apresentado como um patrimônio cultural e como uma expressão legítima de fé de parte da população, especialmente no Maranhão. É fundamental que os estudantes compreendam que essas práticas fazem parte da identidade de diferentes comunidades.

Ao mesmo tempo, é importante diferenciar o estudo escolar — de caráter histórico, cultural, artístico e científico — da prática religiosa. A escola não tem o papel de promover vivências religiosas, mas de possibilitar o conhecimento, o respeito e a compreensão da diversidade de crenças.

Educação antirracista e enfrentamento ao preconceito

As religiões de matriz afro-brasileira, como o Tambor de Mina, foram historicamente alvo de preconceito e discriminação, resultado de processos de racismo estrutural ainda presentes na sociedade.

Nesse sentido, é fundamental promover discussões que problematizem esses estigmas, ajudando os estudantes a compreender como o racismo contribuiu para a marginalização dessas práticas culturais.

Mais do que denunciar o preconceito, é necessário construir uma perspectiva positiva, que valorize o pertencimento, a memória e o orgulho das heranças culturais afro-brasileiras.

Valorização de saberes e de fontes vivas

Sempre que possível, é enriquecedor aproximar os estudantes de pessoas que vivenciam essas tradições, como mestres, mestras, lideranças religiosas e culturais – respeitando, acima de tudo, o consentimento, o contexto e os limites dessas participações.

Além disso, é importante utilizar materiais produzidos por pesquisadores, artistas e praticantes dessas culturas, como livros, documentários, entrevistas e registros audiovisuais. Isso contribui para uma abordagem mais autêntica e menos estereotipada.

Abordagem interdisciplinar

O trabalho com o Tambor de Mina e os Encantados pode (e deve) dialogar com diferentes áreas do conhecimento, ampliando as possibilidades de aprendizagem:

- História: processos de escravidão, diáspora africana, colonização e formas de resistência;
- Geografia: relações com o território, África, Maranhão, comunidades quilombolas e indígenas;
- Língua Portuguesa: oralidade, narrativas, mitos, lendas e produção textual;
- Ciências da Religião e Filosofia: diferentes cosmovisões, ética, respeito e convivência com a diversidade.
- Arte: exploração das linguagens artísticas (visuais, corporais, musicais e cênicas), produção estética, criação de personagens, figurinos, máscaras e performances inspiradas nos Encantados e no Tambor de Mina.

Essa integração favorece uma compreensão mais ampla e contextualizada dos conteúdos trabalhados.

A criação artística como forma de pesquisa

A Arte pode ser um caminho potente para investigar, compreender e expressar conhecimentos sobre o Tambor de Mina e os Encantados. Ao desenhar, encenar, compor músicas, criar performances ou produzir instalações, os estudantes não apenas representam o que aprenderam, mas constroem sentidos, elaboram reflexões e se conectam com os conteúdos de forma mais profunda.

Assim, a criação artística deixa de ser apenas uma atividade complementar e passa a ser um verdadeiro processo de pesquisa e produção de conhecimento.

No capítulo seguinte apresentamos sequências didáticas que integram a Arte como estratégia central para o estudo do Tambor de Mina e dos Encantados. São propostas didáticas sistematizadas que potencializam a aprendizagem significativa.



Capítulo 6

Sequência Didática 1 – “Quem são os Encantados?”

Aula 1 – Levantamento de saberes

Perguntas disparadoras:

“O que vocês já ouviram falar sobre Encantados?”

“Na comunidade de vocês existem histórias de ‘aparições’, seres da natureza, santos, entidades?”

- Registrar no quadro e/ou cartazes.
- Explicar brevemente o conceito de Encantado (sem entrar ainda em Tambor de Mina).

Atividade artística:

Desenho livre: “Imagine um Encantado da sua região. Como ele seria?”

- Exposição rápida em sala, sem julgamentos estéticos, destacando diversidade das imagens.

Aula 2 – Encantados em diferentes culturas

Trazer textos curtos ou trechos de vídeos sobre Encantados em:

- Tradições afro-brasileiras (Tambor de Mina, Umbanda, Candomblé).
- Tradições indígenas (por exemplo, seres da floresta, caboclos, donos dos rios).

Ler em grupos, fazer mapa conceitual:

- Onde vivem?
- O que fazem?
- Que relação têm com humanos e natureza?

Atividade artística em grupo:

- Criação de símbolos para Encantados (em papel cartão): cada grupo inventa um símbolo visual que represente um Encantado estudado.

Aula 3 – Encantados, Arte e Direitos

- Apresentar as Leis 10.639/03 e 11.645/08 em linguagem acessível.

Relacionar:

- Por que a escola precisa estudar Encantados, Tambor de Mina e culturas afro-indígenas?
- Como isso combate o preconceito?

Produzir um mural coletivo:

- Metade com palavras-chave das leis;
- Metade com desenhos e símbolos dos Encantados criados pelos estudantes.

Sequência Didática 2 - "Tambor de Mina: som, corpo e imagem"

Aula I – Conhecendo o Tambor de Mina

Expor, em linguagem simples:

- Origem africana (Costa da Mina), presença no Maranhão.
- Casas de Mina, Encantados, importância cultural.

Mostrar (quando possível):

- Trechos de documentários, registros de cantos e danças (sem expor rituais sigilosos).

Debater:

- O que mais chamou atenção? Sons? Cores? Movimentos?
- Existem práticas parecidas na comunidade (festejos, caixas do Divino, etc.)?

Atividade artística (música/percussão):

- Criação de batidas corporais inspiradas na ideia de "tambor": palmas, estalos, batidas no peito e pés.
- Trabalhar pulso, ritmo, variações simples de compasso.

Aula 2 – Corpo que toca, corpo que dança

Assistir a 1 ou 2 trechos de danças do Tambor de Mina.

Observar:

- Postura do corpo;
- Repetição de movimentos;
- Relação com o ritmo.

Atividade artística (dança/teatro):

- Em duplas ou trios, criar uma pequena sequência de movimentos que:
- Tenha repetição;
- Esteja ligada a uma “força da natureza” (vento, água, árvore, fogo).
- Cada grupo apresenta a sequência enquanto outro grupo marca um ritmo corporal.

Aula 3 – Figurinos, cores e Encantados

Mostrar imagens de figurinos, saias, contas, objetos do Tambor de Mina (sempre com respeito e, se possível, materiais autorizados por terreiros e pesquisadores).

Discutir:

- Que cores aparecem com mais frequência?
- O que as roupas comunicam sobre a entidade ou o Encantado?

Atividade artística (artes visuais):

- Criação de projeto de figurino ou máscara para um Encantado inventado pela turma:
- Desenho de Encantado em papel A3 ou A4 com indicação de cores, texturas, materiais.
- Opcional: produção de máscaras de Encantados simples com papelão, TNT, retalhos.

Sequência Didática 3 – Projeto Interdisciplinar: “Encantado na Comunidade”

Público sugerido: Ensino Médio (pode ser adaptado ao Fundamental II).

Duração: 4 a 6 semanas.

Etapa I – Pesquisa de campo / memória oral

Em parceria com História e Língua Portuguesa:

- Pesquisar histórias de Encantados, lendas, festas, terreiros, mestres locais.
- Entrevistar pessoas mais velhas, lideranças culturais, (se houver abertura) representantes de casas de Mina ou outras religiões afro-indígenas.
- Registrar por escrito, áudio ou vídeo.

Etapa 2 – Estudo das leis e do racismo religioso

- Ler trechos da Lei 10.639/03 e 11.645/08.
- Pesquisar notícias ou casos de intolerância religiosa contra praticantes de religiões afro-brasileiras.

Debater:

- Como a mídia retrata essas religiões?
- Quais palavras preconceituosas são usadas e como combatê-las?

Etapa 3 – Criação artística coletiva

Cada turma escolhe um produto final, por exemplo:

- Mostra artística “O Encantado na Escola”
- Instalações com sons, cores e símbolos de Encantados;
- Exposição de desenhos, máscaras, figurinos, fotografias;
- Performances de dança e música inspiradas no Tambor de Mina.

Zine ou livro artesanal com:

Nesta etapa, os estudantes irão produzir um zine (revista artesanal) ou um livro artesanal, reunindo os conhecimentos construídos ao longo do projeto. A proposta valoriza a autoria, a criatividade e a sistematização dos aprendizados por meio de uma produção artística e textual.

Passo a passo para produção do zine/livro artesanal:

1. Planejamento do conteúdo
2. Definir, coletivamente ou em grupos, o que será incluído no material:
 - Textos poéticos e narrativas sobre Encantados;
 - Registros da pesquisa (histórias, entrevistas, memórias locais);
 - Ilustrações dos Encantados criados pelos estudantes;
 - Explicações sobre as Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008.
3. Organização das páginas
4. Distribuir os conteúdos entre os estudantes ou grupos, definindo quem ficará responsável por cada parte (textos, desenhos, capa, revisão, etc.).
5. Produção do material
6. Elaborar as páginas em papel A4 ou A3, utilizando diferentes linguagens: escrita, desenho, colagem, pintura ou técnicas mistas.
7. Montagem do zine/livro
8. Dobrar e organizar as folhas na sequência desejada. O material pode ser grampeado, costurado ou encadernado de forma simples.
9. Finalização
10. Criar capa, título e elementos visuais que representem o tema “Encantado na escola”, valorizando a identidade cultural trabalhada.

Etapa 4 – Socialização com a comunidade

- Apresentar o trabalho para outras turmas, famílias, comunidade escolar.
- Convidar, se possível, pessoas da comunidade religiosa/cultural relacionada ao Tambor de Mina para assistir, comentar ou participar (sempre com diálogo prévio e respeito).

Sugestões de Avaliação

Processual: acompanhar participação, interesse, respeito no trato com o tema.

Produções artísticas: avaliar mais o processo criativo, a pesquisa e o envolvimento do que apenas “técnica”.

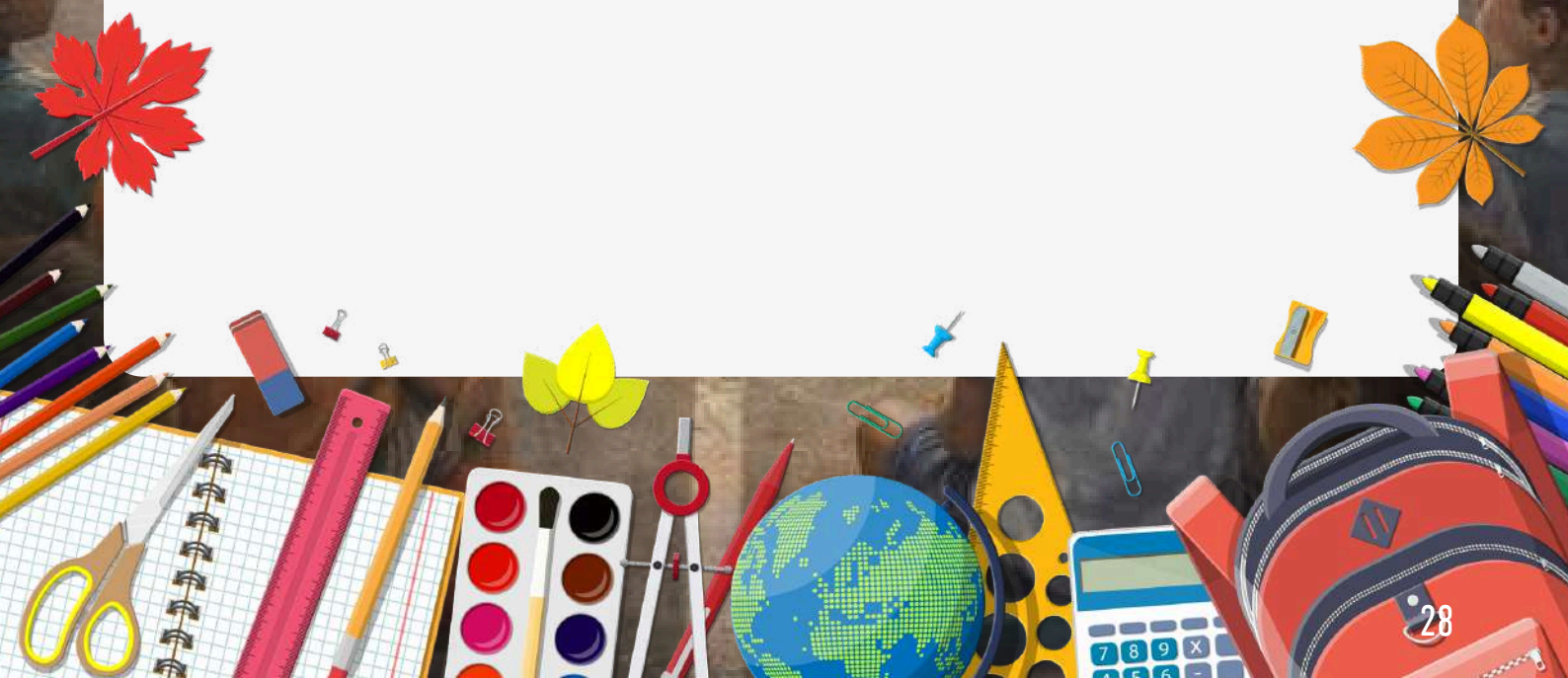
Reflexões escritas ou orais:

- O que o(a) estudante aprendeu sobre Encantados e Tambor de Mina?
- Que preconceitos foram revistos?
- Como as Leis 10.639/03 e 11.645/08 aparecem no cotidiano da escola?

Referências e materiais de apoio (para o professor)

Leis e documentos

- Lei 10.639/2003 – Altera a LDB para incluir o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira.
- Lei 11.645/2008 – Amplia a 10.639, incluindo história e cultura indígena.
- Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais.
- Sugestões gerais de busca (adaptar com autores e obras da sua realidade):
 - Pesquisas sobre Tambor de Mina no Maranhão (antropologia, história, etnomusicologia).
 - Documentários e reportagens sobre terreiros de Mina e Encantados.
 - Obras sobre educação das relações étnico-raciais na Arte.






Considerações Finais

As reflexões apresentadas ao longo deste caderno pedagógico evidenciam que o trabalho com o Tambor de Mina e com os Encantados, no contexto escolar, ultrapassa a dimensão de conteúdo curricular, configurando-se como uma prática pedagógica comprometida com a formação integral dos estudantes. Ao articular arte, cultura, ancestralidade e identidade, o material demonstra que é possível construir experiências educativas que dialoguem com a realidade sociocultural dos educandos, promovendo o reconhecimento e a valorização de saberes historicamente invisibilizados.

Nesse percurso, destaca-se o potencial do conceito de Encantado como eixo estruturante de práticas interdisciplinares, possibilitando uma abordagem sensível, estética e crítica do conhecimento. Ao ser mobilizado por meio de diferentes linguagens artísticas – como o corpo, o som, a imagem e a narrativa –, o Encantado deixa de ser apenas um objeto de estudo e passa a constituir-se como experiência pedagógica, favorecendo o protagonismo estudantil e a construção de sentidos mais profundos sobre o mundo e sobre si mesmos.

Além disso, as sequências didáticas propostas evidenciam que a criação artística pode assumir um papel estratégico como metodologia de pesquisa, permitindo que os estudantes investiguem, interpretem e ressignifiquem os conhecimentos construídos. Esse movimento desloca a prática docente de uma perspectiva transmissiva para uma abordagem ativa e investigativa, na qual o aprender se constitui como processo de criação, reflexão e interação com a cultura.



Outro aspecto central refere-se ao compromisso com a educação antirracista, ancorada nas diretrizes das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008. Nesse sentido, a inserção das culturas afro-brasileiras e indígenas no currículo não deve ser compreendida apenas como cumprimento legal, mas como uma ação pedagógica intencional voltada ao enfrentamento do racismo estrutural, à valorização das identidades e à construção de uma escola mais democrática e inclusiva.

Por fim, compreende-se que este material se constitui como um dispositivo formativo aberto, passível de reinvenção a partir das práticas e contextos dos educadores. Ao propor caminhos metodológicos fundamentados na sensibilidade, no respeito e na criticidade, o caderno convida professores e professoras a assumirem uma postura autoral em suas práticas, ampliando as possibilidades de ensino e aprendizagem. Em síntese, educar a partir das culturas afro-indígenas, por meio da arte, configura-se como um ato político e transformador, capaz de contribuir para a formação de sujeitos mais conscientes, empáticos e comprometidos com a construção de uma sociedade plural, equitativa e socialmente justa.

Referências

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 11 mar. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília, DF: MEC/SECAD, 2004.

CARREIRO, Gamaliel da Silva. FERRETTI, Sergio Figueiredo. SANTOS, Lyndon de Araujo. (Orgs.) **Missa, Culto e Tambor: os espaços da religião no Brasil.** – São Luís – EDUFMA/FAPEMA, 2012.

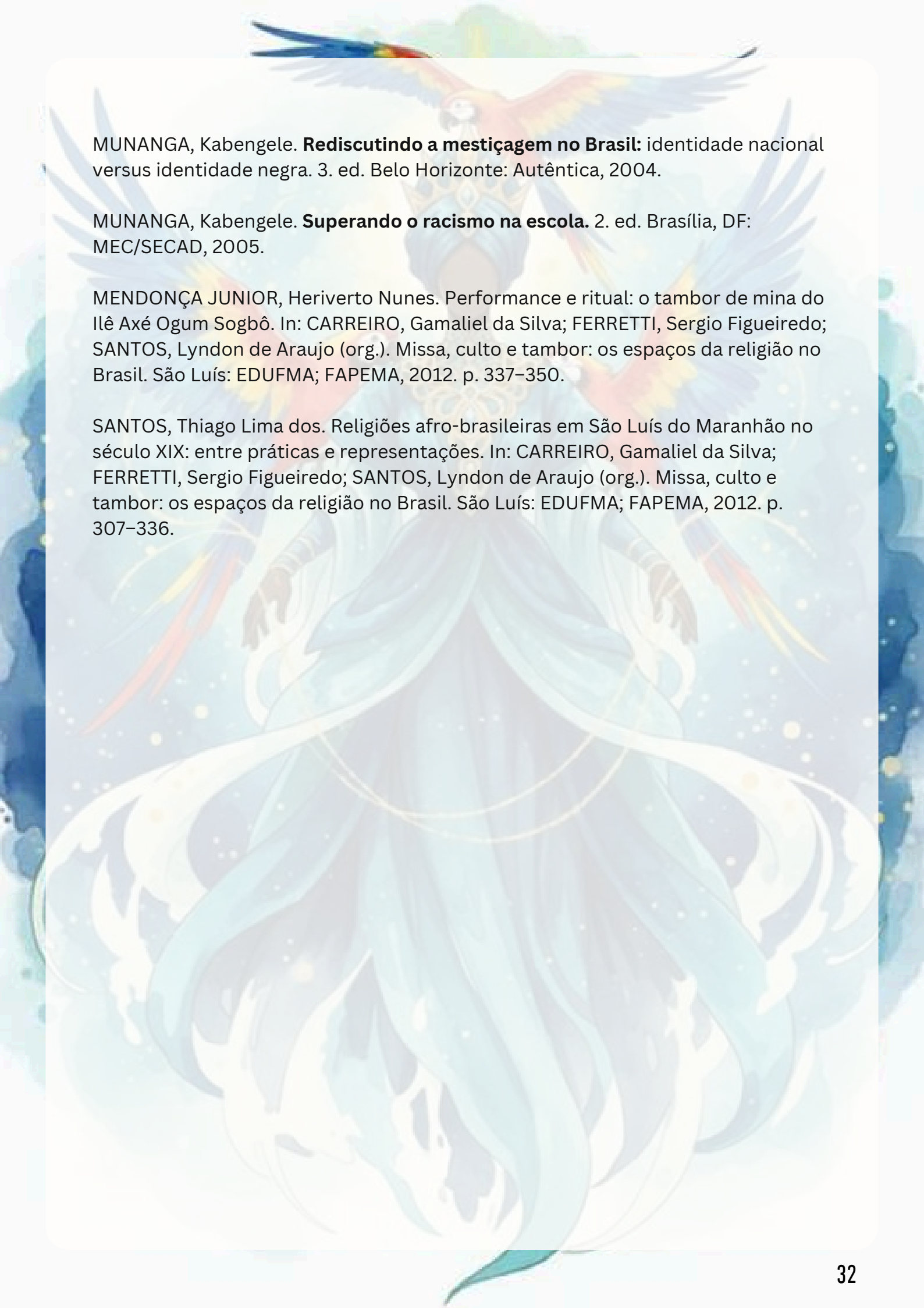
CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** 6. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

FERRETTI, Sergio. Religiões afro-brasileiras: terecô, tambor da mata e encantaria de Barba Soeira. In: CARREIRO, Gamaliel da Silva; FERRETTI, Sergio Figueiredo; SANTOS, Lyndon de Araujo (org.). **Missa, culto e tambor: os espaços da religião no Brasil.** São Luís: EDUFMA; FAPEMA, 2012. p. 295–306.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores. In: GOMES, Nilma Lino. **Educação e identidade negra: reflexões sobre a prática pedagógica.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis: Vozes, 2017.

LINDOSO, Gerson Carlos P. **O “pai-de-santo dos políticos”, Bita do Barão, na cidade de Codó, capital mundial da feitiçaria?** In: CARREIRO, Gamaliel da Silva; FERRETTI, Sergio Figueiredo; SANTOS, Lyndon de Araujo (org.). **Missa, culto e tambor: os espaços da religião no Brasil.** São Luís: EDUFMA; FAPEMA, 2012. p. 351–?.



MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília, DF: MEC/SECAD, 2005.

MENDONÇA JUNIOR, Heriverto Nunes. Performance e ritual: o tambor de mina do Ilê Axé Ogum Sogbô. In: CARREIRO, Gamaliel da Silva; FERRETTI, Sergio Figueiredo; SANTOS, Lyndon de Araujo (org.). *Missa, culto e tambor: os espaços da religião no Brasil*. São Luís: EDUFMA; FAPEMA, 2012. p. 337–350.

SANTOS, Thiago Lima dos. Religiões afro-brasileiras em São Luís do Maranhão no século XIX: entre práticas e representações. In: CARREIRO, Gamaliel da Silva; FERRETTI, Sergio Figueiredo; SANTOS, Lyndon de Araujo (org.). *Missa, culto e tambor: os espaços da religião no Brasil*. São Luís: EDUFMA; FAPEMA, 2012. p. 307–336.

Sobre os autores



HERIVERTO NUNES MENDONÇA JÚNIOR

Graduado em Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal do Maranhão. Participante do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura Popular. Pesquisas em andamento na área de música e performance em religiões afro-brasileiras. Atuante também como ator, cantor e compositor. Atualmente atua como professor em escolas da rede particular. Fundador e Sacertode do Terreiro Lar de Marinheiro. Ativista nas questões raciais e de gênero e pesquisador de Raça. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

MAIRA TERESA GONCALVES ROCHA

Professora Adjunto do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), vinculada a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - PROEC/UFMA/Divisão de Organização de Eventos. Doutora em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestra em Educação (UFMA). Especialista em Metodologia do Ensino Superior (UFMA). Graduada em Licenciatura em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas (UFMA). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica - PPGEEB (Mestrado Profissional) - Área de estudo: "Arte e formação de professores para o Ensino de Arte". Supervisora de Estágio do Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Coordenadora do Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Arte, Educação e Estéticas Tecnológicas (GEPAEET). Autora do livro "A Arte/Educação e as Dimensões Simbólicas do Imaginário para a Inclusão Social" - EDUFMA.

